



SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

PARTE I

- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10

PARTE II

- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20

“Assim fica evidente que durante o tempo em que os homens vivem sem um Poder comum que os subjuguem, eles ficam em uma condição chamada guerra; e é uma guerra de todos os homens contra todos os outros homens.”

– Thomas Hobbes, *Leviatã*, 1651

“O estado da natureza tem uma lei da natureza para governá-lo, que a todos obriga: e a razão, que é essa lei, ensina toda a humanidade, que apenas a consulta, que, sendo todos iguais e independentes, ninguém deve prejudicar o outro na vida, saúde, liberdade ou bens...”

– John Locke, *Segundo tratado sobre o governo*, 1689

“O homem nasce livre; e por toda parte está acorrentado.”

– Jean-Jacques Rousseau, *O contrato social*, 1762

*“Doce é o saber que a natureza oferece;
Nosso intelecto intrometido
Deforma a forma bela das coisas;
– Para dissecar, assassinamos.”*

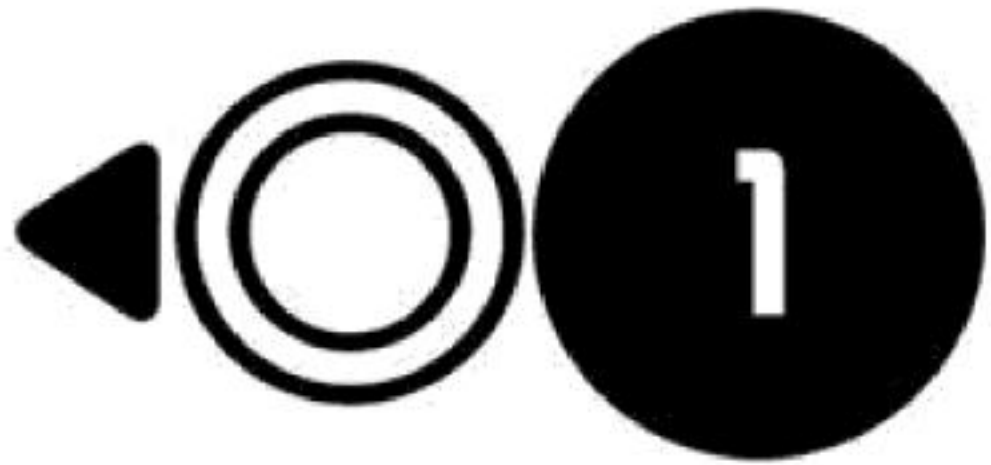
– William Wordsworth, “The Tables Turned”, *Lyrical Ballads*, 1798

“Pensei na promessa de virtudes que ele exibiu no começo de sua existência e no desaparecimento subsequente de todos os sentimentos gentis pelo asco e pelo escárnio que seus protetores manifestaram por ele.”

– Mary Shelley, *Frankenstein*, 1818



PARTE I
“O MENTOR”



Coriolanus jogou o punhado de repolho na panela de água fervente e jurou que um dia não poria mais aquilo na boca. Mas o dia ainda não era aquele. Ele precisava comer uma tigela grande do alimento pálido e tomar cada gota do caldo para evitar que seu estômago roncasse durante a cerimônia da colheita. Era um item de uma longa lista de precauções que ele tomava para esconder o fato de que sua família, apesar de residir na cobertura do prédio mais opulento da Capital, era tão pobre quanto a escória dos distritos. Que aos dezoito anos, o herdeiro da outrora grandiosa casa Snow não tinha nada além da própria perspicácia para ajudá-lo a viver.

Sua camisa para a colheita o estava preocupando. Ele tinha uma calça social escura aceitável, comprada no mercado clandestino no ano anterior, mas era para a camisa que as pessoas olhavam. Felizmente, a Academia oferecia os uniformes exigidos para uso diário. Mas, para a cerimônia daquele dia, os alunos foram instruídos a se vestirem bem, com a solenidade que a ocasião exigia. Tigris pedira que ele confiasse nela, e ele confiava. Só o talento da prima com a agulha o salvara até ali. Mesmo assim, ele não podia esperar milagres.

A camisa que eles tiraram do fundo do armário, do seu pai, de dias melhores, estava manchada e amarelada pelo tempo, sem metade dos botões e marcada de cigarro em um punho. Danificada demais para ser vendida até nas piores circunstâncias da família, e aquela seria sua camisa da colheita? Naquela manhã, ele fora ao quarto dela ao amanhecer, mas

descobriu que a prima e a camisa tinham sumido. Não era um bom sinal. Tigris teria desistido daquela coisa velha e encarado o mercado clandestino em um esforço final e desesperado para encontrar uma roupa adequada? E o que ela teria para a troca? Só uma coisa, ela mesma, e a casa Snow ainda não tinha se rebaixado tanto. Ou estaria se rebaixando agora, enquanto ele salgava o repolho?

Ele pensou nas pessoas botando um preço nela. Com o nariz longo e pontudo e o corpo magrelo, Tigris não era nenhuma grande beleza, mas tinha uma doçura, uma vulnerabilidade que pareciam convidar abuso. Ela encontraria alguém que a quisesse se decidisse assim. A ideia o deixou enjoado, impotente e, conseqüentemente, repugnado com ele mesmo.

No meio do apartamento, ele ouviu a gravação do hino da Capital, “Pérola de Panem”, começar. A voz trêmula em soprano da avó cantou junto e ecoou pelas paredes:

Pérola de Panem
Cidade majestosa,
Com o passar dos anos, você brilha mais.

Como sempre, ela cantou de modo dolorosamente desafinado e com um pouco de atraso. No primeiro ano da guerra, ela tocara a gravação nos feriados nacionais para um Coriolanus de cinco anos e uma Tigris de oito, com o objetivo de desenvolver o senso de patriotismo deles. O recital diário só começou naquele dia sombrio em que os rebeldes de distrito cercaram a Capital, interrompendo o fornecimento de suprimentos pelos dois anos seguintes de guerra. “Lembrem-se, crianças”, dissera ela, “estamos apenas sob cerco... não nos rendemos!” Em seguida, ela cantava o hino pela janela da cobertura enquanto as bombas caíam. Seu pequeno ato de desafio.

Ajoelhamo-nos com humildade
Perante seu ideal,

E as notas que ela nunca conseguia cantar...

E declaramos nosso amor a você!

Coriolanus fez uma leve careta. Já fazia uma década que os rebeldes estavam quietos, mas sua avó não ficava. Ainda faltavam duas estrofes.

*Pérola de Panem,
Coração da justiça,
A sabedoria coroa sua testa de mármore.*

Ele se perguntou se mais móveis absorveriam parte do som, mas a questão era hipotética. No momento, o apartamento de cobertura era um microcosmo da Capital em si, exibindo as cicatrizes dos implacáveis ataques rebeldes. As paredes do pé direito de seis metros estavam cheias de rachaduras, o teto moldado, cravejado de buracos por causa de pedaços de gesso que caíram, e faixas pretas feitas de fita isolante seguravam o vidro quebrado das janelas em arco que davam vista para a cidade. Durante a guerra e a década que se seguiu, a família fora obrigada a vender ou trocar muitos dos bens que tinha, alguns aposentos estavam completamente vazios e trancados, e os outros com mobília esparsa. Pior ainda, durante o frio rigoroso do inverno, no final do cerco, várias peças elegantes e entalhadas de madeira e inúmeros volumes de livros foram sacrificados na lareira para impedir que a família morresse congelada. Ver as páginas coloridas dos livros infantis, os mesmos que ele lia com a mãe, serem reduzidos a cinzas sempre o deixava em lágrimas. Mas era melhor ficar triste do que estar morto.

Como já tinha ido a apartamentos de amigos, Coriolanus sabia que a maioria das famílias já começara a fazer reparos nos aposentos, mas os Snow não tinham dinheiro nem para alguns metros de linho para uma camisa nova. Ele pensou nos colegas de escola remexendo os armários ou vestindo ternos novos sob medida e se perguntou por quanto tempo conseguiria manter as aparências.

*Você nos dá luz.
Você reúne.
A você fazemos nossa jura.*

Se a camisa reformada por Tigris fosse impossível de usar, o que ele faria? Fingiria estar gripado e avisaria que não podia comparecer? *Covardia*. Comparecer com a camisa do uniforme? *Desrespeito*. Espremer-se na camisa vermelha de botão que tinha ficado pequena dois anos antes? *Péssimo*. A opção aceitável? *Nenhuma das anteriores*.

Talvez Tigris tivesse ido pedir ajuda de sua empregadora, Fabricia Whatnot, uma mulher tão ridícula quanto seu nome, mas com certo talento para moda reciclada. Fosse a tendência penas ou couro, plástico ou plush, ela encontrava uma forma de incorporá-la por um custo razoável. Como não era muito boa aluna, Tigris desistiu da Universidade depois que se formou na Academia e foi atrás do seu sonho de se tornar estilista. Supostamente, ela era aprendiz, mas Fabricia a usava mais como escrava e exigia que ela fizesse massagens em seus pés e limpasse os bolos de cabelo magenta dos ralos. Mas Tigris nunca reclamava e não aceitava críticas da chefe de tão satisfeita e grata que tinha ficado por ter um lugar no mundo da moda.

Pérola de Panem,

Base do poder,

Força na paz, escudo na luta.

Coriolanus abriu a geladeira torcendo para encontrar algo que pudesse dar uma melhorada na sopa de repolho. A única ocupante era uma panela de metal. Quando ele tirou a tampa, deu de cara com uma papa gelada de batatas raladas. Teria sua avó finalmente cumprido a ameaça de aprender a cozinhar? Aquilo era comestível? Ele colocou a tampa no lugar até ter mais informações. Que luxo seria poder jogar aquilo no lixo sem pensar duas vezes. Que luxo seria produzir lixo. Ele se lembrava, ou achava que lembrava, de ser bem pequeno e ver os caminhões de lixo operados por Avoxes – trabalhadores sem língua eram os melhores funcionários, sua avó dizia – roncando pela rua, esvaziando sacos grandes de comida jogada fora, recipientes e itens de casa usados. Depois veio a época em que nada era descartável, nenhuma caloria era indesejada, e nada era impossível de ser trocado ou queimado para se obter calor ou ser preso na parede para fornecer isolamento térmico.

Todos aprenderam a desprezar o lixo. Mas estava voltando à moda. Um sinal de prosperidade, como uma camisa decente.

*Proteja nossa terra
Com sua mão armada,*

A camisa. A camisa. Sua mente conseguia se fixar em um problema como aquele, ou qualquer outro, sem esquecer. Como se controlar um dos elementos de seu mundo fosse impedi-lo de desmoronar. Era um mau hábito que o cegava para outras coisas que podiam lhe fazer mal. Havia uma tendência à obsessão como parte essencial do seu cérebro que acabaria sendo sua ruína se ele não aprendesse a superá-la.

A voz de sua avó saiu esganiçada no crescendo final:

Nossa Capital, nossa vida!

Velha maluca, ainda se agarrando aos dias pré-guerra. Ele a amava, mas ela perdeu o contato com a realidade anos antes. Em todas as refeições, ela ficava tagarelando sobre a lendária grandeza dos Snow, mesmo quando a refeição era composta de sopa aguada de feijão e biscoitos velhos. E quem a ouvia falar achava que era certo que o futuro dele seria glorioso. “Quando Coriolanus for presidente...”, ela costumava dizer. “Quando Coriolanus for presidente...”, tudo, desde a força aérea precária até o preço exorbitante das costelas de porco, seria magicamente corrigido. Ainda bem que o elevador quebrado e os joelhos com artrite a impediam de sair muito, e seus visitantes infrequentes eram tão fossilizados quanto ela.

O repolho começou a ferver e encheu a cozinha com o cheiro de pobreza. Coriolanus mexeu no vegetal com uma colher de pau. Nada de Tigris ainda. Em pouco tempo seria tarde para ligar e inventar uma desculpa. Todos estariam reunidos no Heavensbee Hall, da Academia. Haveria raiva e decepção da professora de comunicação, Satyria Click, que tinha feito campanha para ele receber uma das vinte e quatro desejadas mentorias dos Jogos Vorazes. Além de ser o favorito de Satyria, ele era monitor dela e sem dúvida ela precisaria dele para alguma coisa

hoje. Ela podia ser imprevisível, principalmente quando bebia, e isso era coisa certa no dia da colheita. Era melhor ele ligar e avisar, dizer que não conseguia parar de vomitar ou algo assim, mas que se esforçaria para se recuperar. Ele se preparou e pegou o telefone para alegar que estava mal quando outro pensamento passou pela cabeça dele: se ele não aparecesse, ela permitira que fosse substituído como mentor? E, se ela permitisse, isso enfraqueceria sua chance de ganhar um dos prêmios da Academia oferecidos na formatura? Sem esse prêmio, ele não tinha como pagar a Universidade, o que significaria que não teria carreira, o que significaria que não teria futuro, não ele, e quem sabe o que aconteceria com a família, e...

A porta da frente, torta e barulhenta, se abriu.

– Coryo! – gritou Tigris, e ele botou o telefone no lugar. O apelido que ela deu para ele quando era recém-nascido tinha pegado. Ele saiu voando da cozinha, quase a derrubou, mas ela estava animada demais para reprová-lo. – Eu consegui! Consegui! Bom, consegui uma coisa. – Seus pés deram uma corridinha rápida no mesmo lugar quando ela ergueu um cabide coberto por uma velha capa de proteção de roupas. – Olha, olha, olha!

Coriolanus abriu o zíper e tirou a capa de cima de uma camisa.

Era linda. Não, melhor ainda, era classuda. O linho grosso não era nem o branco original e nem estava amarelado com o tempo, mas de um tom creme delicioso. Os punhos e a gola tinham sido substituídos por veludo preto e os botões eram cubos dourados e preto-ébano. Têsseras. Cada uma tinha dois buraquinhos para a linha passar.

– Você é incrível – disse ele com sinceridade. – E a melhor prima do mundo. – Tomando o cuidado de segurar a camisa com segurança, ele a abraçou com o braço livre. – Snow cai como a neve, sempre por cima de tudo!

– Snow cai como a neve, sempre por cima de tudo! – repetiu Tigris. Foi a frase que os fez aguentar a guerra, quando era uma luta constante não ir parar debaixo da terra.

– Me conta tudo – disse ele, sabendo que ela ia querer contar. Ela amava falar sobre roupas.

Tigris levantou as mãos e deu uma risada baixa.

– Por onde começar?

Ela começou com a água sanitária. Tigris tinha sugerido que as cortinas brancas do quarto de Fabricia estavam meio sujas e, ao botá-las de molho com água sanitária, colocou a camisa junto. O resultado foi lindo, mas nem uma eternidade na água sanitária conseguiria tirar completamente as manchas. Assim, ela ferveu a camisa com calêndulas secas que encontrou na lixeira do lado de fora da casa do vizinho de Fabricia, e as flores tingiram o linho o suficiente para esconder as manchas. O veludo dos punhos era de uma bolsa grande que guardava uma placa agora insignificante do avô deles. As tésseras ela tirou do interior de um armário no banheiro da empregada. Ela pediu ao zelador do prédio para fazer os buracos em troca de consertar o macacão dele.

– Foi hoje de manhã? – perguntou ele.

– Ah, não, ontem. Domingo. Hoje de manhã eu... Você encontrou minhas batatas? – Ele a seguiu até a cozinha, onde ela abriu a geladeira e tirou a panela. – Fiquei acordada até de madrugada pra tirar o amido para engomar a camisa. Aí, corri até a casa dos Dolittle para usar um ferro decente. Guardei isto pra sopa! – Tigris virou a maçaroca no repolho que estava fervendo e mexeu.

Ele reparou nas manchas lilás embaixo dos olhos castanho-dourados e não pôde deixar de sentir um pouco de culpa.

– Quando você dormiu pela última vez? – perguntou ele.

– Ah, eu estou bem. Comi a casca das batatas. Dizem que é lá que estão as vitaminas. E hoje é a colheita, então é praticamente feriado! – disse ela com alegria.

– Não na casa da Fabricia – disse ele. E em nenhum lugar, na verdade. O dia da colheita era terrível nos distritos, mas também não era bem uma comemoração na Capital. Como ele, a maioria das pessoas não tinha prazer em lembrar a guerra. Tigris passaria o dia fazendo tudo para a empregadora e seu grupo variado de convidados enquanto eles trocavam histórias morosas da provação que viveram durante o cerco e bebiam até cair. No dia seguinte, cuidar deles de ressaca seria pior.

– Pare de se preocupar. Aqui, é melhor você se apressar e comer! – Tigris serviu sopa numa tigela e a colocou na mesa.

Coriolanus olhou para o relógio, tomou a sopa sem ligar se queimava

a boca e correu até o quarto com a camisa. Ele já tinha tomado banho e se barbeado, e a pele clara estava, felizmente, impecável naquele dia. A roupa que usava por baixo das vestes da escola e as meias pretas eram boas. Ele vestiu a calça, que era mais do que aceitável, e enfiou os pés em um par de botas de couro com cadarço. As botas estavam pequenas, mas ele conseguia aguentar. Em seguida, vestiu a camisa com cuidado, enfiou-a dentro da calça e se virou para o espelho. Ele não era tão alto quanto deveria ser. Assim como muitas pessoas da geração dele, a dieta pobre provavelmente comprometeu o seu crescimento. Mas ele era atleticamente magro, com excelente postura, e a camisa enfatizava os melhores aspectos do seu físico. Ele não ficava tão majestoso desde que era pequeno e sua avó desfilava pelas ruas com ele de terno de veludo roxo. Ele ajeitou os cachos louros enquanto sussurrava debochadamente para sua imagem:

– Coriolanus Snow, futuro presidente de Panem, eu o saúdo.

Por causa de Tigris, ele fez uma entrada grandiosa na sala, esticando os braços e girando em círculo para exibir a camisa.

Ela deu um gritinho de animação e aplaudiu.

– Você está maravilhoso! Tão lindo e elegante! Vem ver, Lady-Vó! – Esse era outro apelido criado pela pequena Tigris, que achava “vovó” e “vó” insuficientes para alguém tão imperial.

A avó deles apareceu, uma rosa recém-cortada aninhada com amor nas mãos trêmulas. Ela usava uma túnica comprida, preta e esvoaçante, do tipo que era popular antes da guerra, mas bem ultrapassada e risível agora, e um par de chinelinhos bordados com a ponta curva que já tinha sido parte de uma fantasia. Fios do cabelo fino e branco saíam por baixo de um turbante de veludo cor de ferrugem. Era o que restava de um guarda-roupa antes luxuoso; seus poucos itens decentes estavam reservados para quando havia visita ou para as raras idas à cidade.

– Aqui, aqui, garoto. Coloque isto. Tirada do meu jardim no telhado – ordenou ela.

Ele esticou a mão para pegar a rosa, mas um espinho furou a palma da mão dele. Sangue brotou da ferida e ele afastou a mão para que não manchasse a preciosa camisa. Sua avó pareceu perplexa.

– Eu só queria que você ficasse elegante – disse ela.

– Claro que queria, Lady-Vó – disse Tigris. – E ele vai ficar mesmo.

Enquanto ela levava Coriolanus para a cozinha, ele lembrou que o autocontrole era uma habilidade essencial e que devia ficar agradecido porque a avó lhe oferecia oportunidades diárias de praticá-lo.

– Ferimentos de perfuração não sangram por muito tempo – prometeu Tigris enquanto limpava e fazia um curativo na mão dele. Ela cortou a rosa, preservou um pouco do caule verde e a prendeu à camisa. – Fica mesmo elegante. Você sabe o que as rosas significam pra ela. Agradeça.

Ele agradeceu. Agradeceu às duas e foi até a porta, desceu os doze lances decorados de escadas, passou pelo saguão e saiu para a Capital.

A porta da frente dava para a Corso, uma avenida tão larga que oito carruagens passavam lado a lado com conforto no passado, quando a Capital exibia sua pompa militar para o povo. Coriolanus se lembrava de ficar nas janelas do apartamento quando era criança, com convidados se gabando que tinham assentos privilegiados para os desfiles. Mas aí os bombardeiros chegaram, e por muito tempo aquele quarteirão ficou intransponível. Agora, apesar de as ruas estarem finalmente livres, ainda havia pilhas de escombros nas calçadas, e prédios inteiros estavam tão danificados quanto no dia em que foram atingidos. Dez anos depois da vitória e ele estava desviando de pedaços de mármore e granito para seguir para a Academia. Às vezes, Coriolanus se perguntava se os detritos foram deixados para lembrar aos cidadãos o que eles haviam aguentado. As pessoas tinham memória curta. Elas precisavam andar em volta dos destroços, pegar cupons de racionamento de alimentação e assistir aos Jogos Vorazes para que a guerra permanecesse viva na mente. Esquecer podia levar à complacência, e aí todos estariam de volta à estaca zero.

Quando entrou na via Scholars, ele tentou controlar o passo. Queria chegar na hora, mas tranquilo e composto, não todo suado. Aquele dia da colheita, como a maioria, parecia que seria quente. Mas o que mais podia se esperar para um 4 de julho? Ele ficou grato pelo perfume da rosa da avó, pois a camisa quente estava exalando um leve aroma de batatas e calêndulas mortas.

Como a melhor escola secundária da Capital, a Academia educava os filhos dos conhecidos, dos ricos e dos influentes. Com mais de

quatrocentos alunos em cada turma, foi possível para Tigris e Coriolanus, considerando a longa história da família na escola, serem aceitos sem grande dificuldade. Diferentemente da Universidade, era gratuita e oferecia almoço e material escolar, além dos uniformes. Qualquer um que tivesse nome estudava na Academia, e Coriolanus precisaria daquelas conexões como base para seu futuro.

A grande escadaria que levava à Academia podia receber todo o corpo estudantil e acomodava facilmente o fluxo de oficiais, professores e alunos indo para as festividades do dia da colheita. Coriolanus subiu devagar, tentando agir com dignidade casual caso alguém olhasse para ele. As pessoas o conheciam, ou pelo menos conheceram seus pais e avós, e havia um certo padrão esperado de um Snow. Naquele ano, a começar por aquele dia, ele esperava alcançar reconhecimento pessoal também. Ser mentor nos Jogos Vorazes era seu projeto final antes de se formar na Academia no verão. Se sua performance como mentor impressionasse, com seu registro acadêmico excelente, Coriolanus poderia ganhar um prêmio monetário substancial que daria para pagar a Universidade.

Haveria vinte e quatro tributos, um garoto e uma garota de cada um dos doze distritos derrotados, sorteados para serem jogados em uma arena e lutarem até a morte nos Jogos Vorazes. Estava descrito no Tratado da Traição que encerrou os Dias Escuros da rebelião dos distritos, uma das muitas punições dadas aos rebeldes. Como no passado, os tributos seriam colocados na Arena da Capital, um anfiteatro agora em ruínas que tinha sido usado para eventos de esporte e entretenimento antes da guerra, junto com algumas armas para que matassem uns aos outros. A Capital encorajava que as pessoas assistissem, mas muita gente evitava. O desafio era tornar o evento mais atraente.

Por causa disso, pela primeira vez os tributos teriam mentores. Vinte e quatro dos formandos mais inteligentes e de melhor desempenho da Academia tinham sido selecionados para a tarefa. Os detalhes envolvidos ainda estavam sendo discutidos. Falava-se de treinar cada tributo para uma entrevista pessoal, talvez alguma preparação para as câmeras. Todos concordavam que se os Jogos Vorazes fossem continuar, precisariam envolver uma experiência mais significativa, e a união dos jovens da Capital com os tributos dos distritos deixou as pessoas intrigadas.

Coriolanus passou por uma entrada decorada com faixas pretas, desceu por uma passagem abobadada e entrou no gigantesco Heavensbee Hall, onde eles assistiriam à transmissão da cerimônia da colheita. Ele não estava atrasado, mas o salão já estava vibrando com a presença de professores e alunos e outros vários envolvidos nos Jogos que não eram necessários na transmissão do dia inicial.

Havia Avoxes percorrendo a multidão carregando bandejas de posca, uma mistura de vinho aguado com mel e ervas. Era uma versão embriagante da bebida azeda que sustentou a Capital na guerra, supostamente protegendo contra doenças. Coriolanus pegou um cálice e passou um pouco de posca pela boca, na esperança de enxaguar qualquer resquício de bafo de repolho. Mas ele só se permitiu um gole. Era mais forte do que a maioria das pessoas achava, e em anos anteriores ele viu gente de classe alta passar vergonha por se embebedar.

O mundo ainda achava que Coriolanus era rico, mas sua única moeda real era o charme, que ele distribuía generosamente enquanto andava pela multidão. Rostos se iluminavam quando ele cumprimentava com simpatia os alunos e professores, perguntava por familiares e fazia elogios aqui e ali.

– Sua aula sobre as retaliações dos distritos ainda me assombra.

– Amei a franja!

– Como foi a cirurgia de coluna da sua mãe? Diga a ela que ela é minha heroína.

Ele passou pelas centenas de cadeiras acolchoadas colocadas para a ocasião na plataforma, onde Satyria estava brindando uma mistura de professores da Academia e representantes dos Jogos com alguma história louca. Apesar de só ter ouvido a última frase (“Bem, eu falei ‘Sinto muito pela sua peruca, mas foi você que insistiu em trazer um macaco!’”), ele se juntou obedientemente às gargalhadas que vieram em seguida.

– Ah, Coriolanus – disse Satyria enquanto acenava para ele se aproximar. – Este é meu melhor pupilo. – Ele deu o esperado beijo na bochecha dela e registrou que a mulher já estava vários copos de posca à frente dele. Ela precisava controlar a bebida, embora a mesma coisa pudesse ser dita de metade dos adultos que ele conhecia. A automedicação era uma epidemia na cidade. Ainda assim, ela era

divertida e não severa demais, uma dentre poucos professores que permitiam que os alunos chamassem pelo primeiro nome. Ela se afastou ligeiramente e o observou. – Linda camisa. Onde você conseguiu uma peça assim?

Ele olhou para a camisa como se estivesse surpreso por sua existência e deu de ombros, como um jovem que tem opções infinitas.

– Os Snow têm armários grandes – disse ele distraidamente. – Eu queria um visual respeitoso, mas também comemorativo.

– E conseguiu. O que são esses botões exóticos? – perguntou Satyria, mexendo em um dos cubos no punho. – Tésseras?

– São? Bom, isso explica por que me lembram do banheiro da empregada – respondeu Coriolanus, arrancando uma risada dos amigos dela. Era essa impressão que ele lutava para manter. Um lembrete de que ele era uma das raras pessoas que tinham um banheiro de empregada, ainda mais com piso com a padronagem de tésseras, temperado por uma piada autodepreciativa sobre a camisa.

Ele assentiu para Satyria.

– Lindo vestido. É novo, não é? – Ele percebeu só por um olhar que era o mesmo vestido que ela sempre usava na cerimônia da colheita, reformado com tufo de penas pretas. Mas ela validou a camisa dele, e ele precisava retribuir o favor.

– Mandei fazer especialmente para hoje – respondeu ela, aceitando a pergunta. – É o décimo aniversário, afinal.

– Elegante – disse ele. De um modo geral, eles não eram uma equipe ruim.

O prazer dele sumiu quando viu Agrippina Sickle, professora de Educação Física, usando os ombros musculosos para abrir caminho na multidão. Atrás dela estava seu monitor, Sejanus Plinth, que carregava o escudo ornamental que a professora Sickle insistia em segurar na foto de turma de cada ano. Fora dado a ela no final da guerra por supervisionar com sucesso os exercícios de segurança durante os bombardeios.

Não foi o escudo que chamou a atenção de Coriolanus, mas o traje de Sejanus, um terno macio cor de carvão com uma camisa branca ofuscante contrabalançada por uma gravata estampada, feita para acrescentar fluidez ao corpo alto e anguloso. O conjunto tinha estilo, ar

de novo e cheiro de dinheiro. Lucro de guerra, para ser mais preciso. O pai de Sejanus era um fabricante do Distrito 2 que ficara do lado do presidente. Ele fez uma fortuna tão grande com munições que conseguiu comprar a entrada da sua família para a vida na Capital. Os Plinth agora tinham privilégios que as famílias mais antigas e poderosas só conquistaram ao longo de gerações. Era inédito que Sejanus, um garoto nascido em um distrito, fosse aluno da Academia, mas a doação generosa do pai dele permitiu a reconstrução de boa parte da escola no pós-guerra. Um cidadão nascido na Capital esperaria que um prédio fosse batizado em sua homenagem. O pai de Sejanus só pediu estudo para o filho.

Para Coriolanus, os Plinth e gente como eles eram uma ameaça a tudo que ele amava. Os novos ricos da Capital estavam destruindo a antiga ordem com sua mera presença. Era particularmente irritante porque boa parte da fortuna da família Snow também foi investida em munições... mas no Distrito 13. Seu complexo enorme, quarteirões e mais quarteirões de fábricas e unidades de pesquisa, bombardeado até virar pó. O Distrito 13 sofreu um ataque nuclear e toda a área ainda emitia níveis de radiação que impediam que se vivesse lá. O centro da manufatura militar da Capital mudou para o Distrito 2 e caiu no colo dos Plinth. Quando a notícia da destruição do Distrito 13 chegou à Capital, a avó de Coriolanus tratou a situação publicamente com indiferença, dizendo que era sorte eles terem tantos outros bens. Mas eles não tinham.

Sejanus chegara no parquinho da escola dez anos antes, um garoto tímido e sensível observando com cautela as outras crianças com um par de olhos castanhos sofridos e grandes demais para o rosto tenso. Quando a notícia de que ele tinha vindo de um distrito se espalhou, o primeiro impulso de Coriolanus foi se juntar à campanha dos colegas para tornar a vida do garoto novo um inferno. Mas, pensando melhor, ele o ignorou. Se as outras crianças da Capital entenderam isso como significado de que o pestinha do distrito estava abaixo dele, Sejanus interpretou como decência. Nenhuma interpretação era a correta, mas ambas reforçavam a imagem de Coriolanus como um sujeito de classe.

Uma mulher de grande estatura, a professora Sickle foi até o círculo de Satyria, espalhando seus inferiores por todo lado.

– Bom dia, professora Click.

– Ah, Agrippina, que bom. Você se lembrou do escudo – disse Satyria, aceitando um aperto de mão firme. – Temo que os jovens de hoje se esqueçam do verdadeiro significado do dia. E, Sejanus. Como você está elegante.

Sejanus ensaiou uma reverência e uma mecha de cabelo caiu em seus olhos. O escudo pesado bateu no peito dele.

– Elegante demais – disse a professora Sickle. – Falei pra ele que, se eu quisesse um pavão, ligava para a loja de animais. Todos deviam estar de uniforme. – Ela olhou para Coriolanus. – Até que isso aí não está horrível. É a camisa velha do uniforme formal do seu pai?

Era? Coriolanus não tinha ideia. Uma lembrança vaga do seu pai com um terno lindo carregado de medalhas passou pela cabeça dele. Ele decidiu aproveitar a deixa.

– Obrigado por reparar, professora. Mandei reformar para que não parecesse que eu tinha estado em combate. Mas eu o queria aqui comigo hoje.

– Muito adequado – disse a professora Sickle. Em seguida, ela voltou a atenção para Satyria e despejou suas opiniões sobre o último envio de Pacificadores, os soldados da nação, para o Distrito 12, onde os mineiros não estavam conseguindo produzir suas cotas.

Com as professoras conversando, Coriolanus indicou o escudo.

– Está malhando esta manhã?

Sejanus abriu um sorriso irônico.

– É sempre uma honra ser útil.

– O trabalho de polimento está excelente – respondeu Coriolanus. Sejanus ficou tenso com a sugestão de que ele era o quê, um puxa-saco? Bajulador? Coriolanus deixou que a tensão se desenvolvesse mais um pouco para dissolvê-la. – Sei bem como é. Eu cuido de todos os cálices de vinho de Satyria.

Sejanus relaxou ao ouvir isso.

– É mesmo?

– Na verdade, não. Mas só porque ela ainda não pensou nisso – disse Coriolanus, variando entre o desdém e a camaradagem.

– A professora Sickle pensa em tudo. Ela nem hesita em me chamar,

dia ou noite. – Sejanus pareceu que talvez fosse continuar falando, mas só suspirou. – E, claro, agora que vou me formar, vamos nos mudar pra perto da escola. Momento perfeito, como sempre.

Coriolanus ficou cauteloso de repente.

– Pra onde?

– Algum lugar na Corso. Muitas daquelas casas enormes vão ficar à venda em breve. Os donos não estão podendo pagar os impostos ou algo assim, meu pai disse. – O escudo roçou no chão e Sejanus o levantou.

– Não há impostos para propriedades na Capital. Só nos distritos – disse Coriolanus.

– É uma lei nova – contou Sejanus. – Pra conseguir dinheiro pra reconstruir a cidade.

Coriolanus tentou esconder o pânico que cresceu dentro dele. Uma nova lei. Cobrança de imposto pelo apartamento. De quanto? No momento, eles mal conseguiam sobreviver com a ninharia de Tigris, a pequena pensão militar que sua avó recebia pelo serviço do marido a Panem e os benefícios dele de dependente sendo filho de um herói de guerra morto, que acabariam com a formatura. Se não pudessem pagar os impostos, acabariam perdendo o apartamento? Era tudo o que tinham. Vender o local não ajudaria; ele sabia que sua avó tinha feito empréstimos com cada centavo da propriedade. Se eles vendessem, não sobraria nada. Eles teriam que se mudar para algum bairro obscuro e entrar para a lista imunda de cidadãos comuns, sem status, sem influência, sem dignidade. A desgraça mataria sua avó. Seria mais gentil jogá-la pela janela da cobertura. Pelo menos seria rápido.

– Você está bem? – Sejanus o observou, intrigado. – Você ficou branco como papel.

Coriolanus recuperou a compostura.

– Acho que foi a posca. Deixou meu estômago meio embrulhado.

– É – concordou Sejanus. – Mãezinha sempre me fazia tomar durante a guerra.

Mãezinha? A moradia de Coriolanus seria usurpada por uma pessoa que chamava a mãe de “Mãezinha”? O repolho e a posca ameaçaram reaparecer. Ele respirou fundo e forçou o estômago a segurar, mais ressentido de Sejanus do que quando o bem-alimentado garoto do

distrito com o sotaque grosseiro se aproximou dele pela primeira vez, segurando um saco de jujubas.

Coriolanus ouviu um sino tocar e viu seus colegas estudantes convergindo para a frente da plataforma.

– Acho que está na hora de designar tributos a nós – disse Sejanus com voz sombria.

Coriolanus o seguiu até uma seção especial de cadeiras, de seis fileiras por quatro, que tinha sido montada para os mentores. Ele tentou afastar a crise do apartamento da cabeça, concentrar-se na tarefa crucial à frente. Mais do que nunca, era essencial se destacar, e, para se destacar, ele tinha que ser designado para um tributo competitivo.

O reitor Casca Highbottom, o homem creditado pela criação dos Jogos Vorazes, estava supervisionando o programa de mentoria pessoalmente. Ele se apresentou aos alunos com a energia de um sonâmbulo, com olhar vidrado e, como sempre, dopado com morfináceo. Seu físico, antes ótimo, encolhera e agora exibia a pele flácida. A precisão de um corte de cabelo recente e o terno engomado só serviu para arrefecer um pouco o estado deplorável. Por causa de sua fama como inventor dos Jogos, ele ainda mantinha a posição por um triz, mas havia boatos de que o Conselho da Academia estava perdendo a paciência.

– E aí – disse ele, balançando um pedaço de papel amassado acima da cabeça. – Vou ler as coisas agora. – Os alunos fizeram silêncio, se esforçando para ouvi-lo na agitação do salão. – Vou ler um nome e quem vai ficar com ele. Está bom? Está ótimo. Distrito 1, garoto, vai para... – O reitor Highbottom apertou os olhos para o papel num esforço de se concentrar. – Meus óculos – murmurou ele. – Esqueci. – Todo mundo olhou para os óculos, já na ponta do nariz, e esperou que os dedos os encontrassem. – Ah, pronto. Livia Cardew.

O rostinho pontudo de Livia se abriu num sorriso e ela deu um soco de vitória no ar, gritando “Viva!” com a voz aguda. Ela sempre gostara de se gabar. Como se a atribuição fosse resultado de puro merecimento e não tivesse nada a ver com o fato de que sua mãe fosse gerente do maior banco da Capital.

Coriolanus sentiu um desespero crescente conforme o reitor

Highbottom foi percorrendo a lista, designando um mentor para cada garoto e garota de distrito. Depois de dez anos, um padrão tinha surgido. Os distritos mais bem alimentados e mais amigos da Capital, o 1 e o 2, produziam mais vitoriosos, os tributos da pesca e da agricultura do 4 e do 11 também sendo bons concorrentes. Coriolanus esperava pegar alguém do 1 ou do 2, mas nenhum deles foi designado para ele, o que se tornou ainda mais insultante quando Sejanus levou o garoto do Distrito 2. O Distrito 4 passou sem seu nome ser mencionado, e sua última chance real de alguém vitorioso, o garoto do Distrito 11, foi designado para Clemensia Dovecote, filha do secretário de energias. Diferentemente de Livia, Clemensia recebeu a notícia de sua sorte com tato, jogando o cabelo preto para trás do ombro enquanto anotava com concentração o tributo no fichário.

Havia algo errado quando um Snow, que por acaso também era um dos melhores alunos da Academia, passava sem reconhecimento. Coriolanus estava começando a pensar que tinha sido esquecido (será que lhe dariam uma posição especial?) quando, para seu horror, ele ouviu o reitor Highbottom murmurar:

– E finalmente, mas não menos importante, a garota do Distrito 12... ela pertence a Coriolanus Snow.



A garota do Distrito 12? Poderia haver maior tapa na cara? O Distrito 12, o menor distrito, o distrito piada, com adolescentes atrofiados de juntas inchadas que sempre morriam nos primeiros cinco minutos, e não só isso... mas a garota? Não que uma garota não pudesse vencer, mas na cabeça dele os Jogos Vorazes eram mais sobre força bruta, e as garotas eram naturalmente menores do que os garotos, portanto, estavam em desvantagem. Coriolanus nunca tinha sido um dos favoritos do reitor Casca Highbottom, que ele chamava de brincadeira de Chapa Highbottom entre os amigos, mas não esperava uma humilhação pública daquela. Teria o apelido chegado a ele? Ou era só reconhecimento de que, na nova ordem mundial, os Snow estavam caindo na insignificância?

Ele sentiu o sangue quente nas bochechas enquanto tentava permanecer composto. A maioria dos outros alunos tinha se levantado e estava conversando. Ele devia se juntar a eles, fingir que não havia nada de mais, mas parecia incapaz de se mover. O máximo que ele conseguiu foi virar a cabeça para a direita, onde Sejanus ainda estava sentado ao lado dele. Coriolanus abriu a boca para parabenizá-lo, mas parou ao ver a infelicidade mal disfarçada no rosto do outro garoto.

– O que foi? – perguntou ele. – Você não está feliz? O Distrito 2, o garoto... é o que há de mais robusto na ninhada.

– Você esqueceu. Sou parte da ninhada – disse Sejanus com voz rouca.

Coriolanus parou para refletir. Então dez anos de Capital e a vida privilegiada que a cidade oferecia foram desperdiçados em Sejanus. Ele ainda se via como cidadão de distrito. Besteira sentimental.

Sejanus franziu a testa com consternação.

– Tenho certeza de que meu pai pediu. Ele está sempre tentando fazer a minha cabeça.

Sem dúvida, pensou Coriolanus. Os bolsos fundos e a influência do velho Strabo Plinth eram respeitados mesmo que a sua linhagem não fosse. E embora as mentorias devessem ser baseadas em mérito, alguns pauzinhos tinham sido mexidos.

A plateia havia se acomodado em cadeiras agora. No fundo da plataforma, as cortinas se abriram e revelaram uma tela do chão ao teto. A colheita era exibida ao vivo de cada distrito, indo da costa leste para a oeste, e transmitida por todo o país. Isso queria dizer que o Distrito 12 daria início ao dia. Todos se ergueram quando a insígnia de Panem ocupou a tela, acompanhada do hino da Capital.

Pérola de Panem

Cidade majestosa,

Com o passar dos anos, você brilha mais.

Alguns dos alunos tiveram dificuldade com a letra, mas Coriolanus, que ouvia a avó cantá-la diariamente havia anos, cantou os três versos em voz alta, ganhando alguns acenos de aprovação. Era patético, mas ele precisava de toda aprovação que pudesse obter.

A insígnia se dissolveu e o presidente Ravinstill apareceu, o cabelo com mechas grisalhas, vestindo o uniforme militar pré-guerra para lembrar que ele já controlava os distritos bem antes dos Dias Escuros da rebelião. Ele recitou uma breve passagem do Tratado da Traição, que declarava os Jogos Vorazes como reparação de guerra, vidas jovens dos distritos tiradas pelas vidas jovens da Capital que foram perdidas. O preço da traição dos rebeldes.

Os Idealizadores dos Jogos cortaram a imagem para a praça sombria do Distrito 12, onde um palco temporário, agora ocupado por Pacificadores, tinha sido montado na frente do Edifício da Justiça. O